

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

O leque das crônicas de Vasconcelos Maia: (pre)texto para reflexão sobre Leitura, Literatura e Memória

Edna Maria Viana Soares¹

RESUMO: Vasconcelos Maia (20 de março de 1923 – 14 de julho de 1988), contista baiano, cuja vida de escritor se inicia aos dezoito anos, vindo a ser “um ficcionista” como se definia, estreou na literatura em 1946 com o livro *Fora da Vida*. Trilhando veredas concretas, em quarenta anos de produção, o escritor materializou seu pensamento em cerca de mil crônicas e vários contos. Consagrado como contista, com obras editadas inclusive no exterior, o escritor baiano, no momento em que a cidade do Salvador vivia uma expressiva efervescência cultural, como testemunha privilegiada de seu processo de modernização, aproxima-se dos meios de comunicação de massa, tornando-se um cronista incansável. Ao lado dessa fecunda atividade jornalística, Vasconcelos Maia responsabiliza-se pela gestão do órgão municipal de turismo, posição que será determinante no enfoque de suas crônicas sobre a cidade que então definia sua “vocação turística”. Embora escrevesse sobre os mais variados temas, o cronista Vasconcelos Maia prioriza a cultura popular, em especial os elementos oriundos da cultura negra e suas manifestações, imprimindo um traço de autenticidade e originalidade à cultura local, o que ensejará a construção de uma “moderna tradição soteropolitana”. Este artigo traz breve apresentação do intelectual Vasconcelos Maia e aborda a temática das 600 crônicas por ele publicadas.

Palavras-chave: Literatura Baiana; Vasconcelos Maia; Crônicas jornalísticas.

Retiradas de sua condição de “blocos totêmicos”, expressão usada por Massaud Moisés (1985) ao se referir à maneira como são encontrados os jornais antigos nas bibliotecas, numa extensa pesquisa bibliográfica realizada no Jornal da Bahia, cujo acervo pertence à hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado, as 600 crônicas jornalísticas de Vasconcelos Maia converteram-se em um fascinante e multifacetado objeto de estudo. A

¹ Professora da rede pública realizou Mestrado na Universidade do Estado da Bahia– Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - UNEB/PPGEL com a dissertação **Uma Cidade Dia Sim, Dia Não: Salvador nas crônicas de Vasconcelos Maia – 1958/1964**, sob a orientação da: Prof^a Dr^a Maria do Socorro da Silva Carvalho.

Email edna-viana@uol.com.br.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

investigação intencionou identificar a representação da Cidade de Salvador, bem como, analisar a crônica jornalística do escritor baiano, sua temática, suas características e possibilidades enquanto porta-voz dos valores da modernidade.

Vasconcelos Maia foi considerado por Jorge Amado como “um dos escritores baianos mais autênticos e mais característicos” (AMADO, 1964). Nascido em Santa Inês e radicado em Salvador desde muito cedo, passou toda a sua infância e adolescência morando nas imediações dos Aflitos, região urbana que irá delinear em seus contos.

O intelectual baiano atribuiu sua opção pela literatura “à vida aventureira de garoto misturada à vida caótica das leituras”. A sua trajetória de escritor iniciou-se aos 18 anos, vindo a ser “um ficcionista”². Estreou na literatura, em 1946, com o livro *Fora da Vida*, que trazia alguns contos lançados em periódicos, no intervalo entre os anos 1942 e 1945. *Fora da Vida* era o título de um dos contos no qual o autor projetava o seu drama de enfermo, vez que, no final da adolescência, fora acometido de uma pleurite (na época tratada como tuberculose), que o obrigou a interromper os estudos e a ficar enclausurado no sótão de sua casa, passando a maior parte do tempo sozinho. A clausura forçada pela doença levou-o a mergulhar na leitura e a compensar a imobilidade física com a franca mobilidade imaginativa. Leu muito e de tudo, como ele próprio afirmou em vários de seus depoimentos. Gostava “imensamente de ler; livros para crianças, livros para adolescentes, livros para adultos, além de *livros proibidos*”³.

Para o jovem *Carlito*, a leitura se converteu numa forma de “tornar as tensões sociais suportáveis e fecundas” (POMPOUGNAC, 1997 p.36). A leitura tornou-se para

² Em material datilografado com o título *Sobre o Leque de Oxum*, gentilmente cedido pelo falecido professor Pedro Moacyr Maia, irmão do escritor, Vasconcelos Maia informa que não sabe bem quando se manifestou a sua vocação para a literatura. Era um garoto que vivia intensamente a infância, gostava de ler, e lia muito. Suas aventuras de garoto somavam-se àquelas das leituras caóticas, o que resultava numa intensa produção mental. Criava todas as fantasias que lia, sendo ora o autor, ora o personagem. Nesta entrevista, afirma: “Sou ficcionista. Não quero ser mais do que isso”.

³ Informação constante do material datilografado com o título *Sobre o Leque de Oxum* mencionado na nota anterior.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Vasconcelos Maia, diante do isolamento pela doença, uma atividade individual por um lado, e por outro o canal que o transporta ao mundo da imaginação. Preenchendo as lacunas deixadas pelo depoimento do escritor, é possível se inferir em decorrência deste hábito confessado de leitura, a filiação a uma dada instituição. Neste contexto, pressupõe-se, a família. Impossibilitado do convívio social, distante das bibliotecas, isolado dos amigos, sua prática, contudo, era partilhada, feita no interior da família, que, se não o fazia de outra forma, supria a sua necessidade material de livros.

O papel de intelectual – termo aqui entendido segundo o exposto por Pierre Bourdieu em seu diálogo com Roger Chartier (CHARTIER, 2001, p. 242), como aquele que pode agir à distância ao transformar as visões de mundo e as práticas cotidianas – foi cedo assumido por Vasconcelos Maia, marcando a sua trajetória profissional ao longo da vida e promovendo sua inscrição no campo⁴ artístico e intelectual da Bahia. O escritor estabeleceu uma ampla rede de relações com pessoas das mais diversas áreas, muitas delas oriundas dos tempos do Colégio Central “ou da Rua Democrata”, locais que marcaram significativamente o trajeto – não apenas do cronista, mas de uma geração de jovens intelectuais – tanto na vida social quanto na cultural.

Integrante dessa geração de intelectuais, renunciando a renovação cultural da Bahia, em 1948, Vasconcelos Maia fundou e dirigiu, com os mais novos e expressivos nomes da cena cultural de Salvador, a revista de cunho modernista, cujo objetivo era implementar a vida intelectual de Salvador dentro do clima de pós-guerra e dar uma ressignificação identitária para a Bahia. *Caderno da Bahia: revista de cultura e divulgação*, como se intitulava, foi publicada, pela primeira vez, em agosto de 1948, por um grupo de escritores locais para que tivessem um canal próprio de expressão.

⁴ De forma sintética, campo é definido por Pierre Bourdieu (2007) como “espaço social de relações objetivas”. Esta noção permite identificar em distintos domínios ou universos da vida social, tais como cultura, economia, religião, literatura etc., não só traços invariantes, como também propriedades específicas de cada um deles. Os traços invariantes seriam comuns a quaisquer deles, e as propriedades específicas, as relações objetivas, reportam-se a regras, normas e crenças que lhes dão sustentação, jogos de linguagem, relações de poder e estoque de bens materiais e simbólicos que neles são produzidos. Na teoria dos campos, a história ganha um papel de destaque. Bourdieu dá um relevo às condições históricas, à gênese social de cada campo que é constituído através de lutas. (BOURDIEU, 2007, p. 64)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

De cunho social, a revista divulgava a cultura popular, tratava da questão do negro, o caldo cultural de uma Salvador que, então, buscava sua identidade. O periódico não pretendia romper com o passado, preocupava-se em viver o presente, fugir do academicismo sem investir diretamente contra os acadêmicos. Era uma revista simples, com o formato tabloide, visando ampliar o leque de leitores, atingindo não só intelectuais ou pessoas diretamente ligadas às artes.

Idealizada por Vasconcelos Maia e Cláudio Tuiuti Tavares, poeta e jornalista, a revista *Caderno da Bahia* contou com a adesão de Darwin Brandão, jornalista, e Wilson Rocha, poeta e crítico de arte. Outros colaboradores vieram reunir-se aos primeiros. Foram Heron de Alencar, Adalmir da Cunha Miranda, Pedro Moacir Maia, além de ilustradores e artistas plásticos iniciantes: Ladislau Bartk, Genaro de Carvalho, Hélio Vaz, Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Jenner Augusto, Lygia Sampaio, Rubem Valentim; músicos como Paulo Jatobá e críticos de cinema como Walter da Silveira. A revista foi publicada até 1952 e contou com seis números e um suplemento.

Como cronista, foi sobre a Cidade da Bahia ou São Salvador da Bahia de Todos os Santos - aquela que nasceu para o mundo por meio de um “gesto intelectual” que, ao contrário das cidades medievais européias, não foi a resultante de um movimento de levas de gentes e técnicos ou um remoto embrião urbano, foi um “projeto racional”, fruto de uma “decisão real”, que teve estabelecidos intelectualmente, seu lugar e sua vocação (RISÉRIO, 2004, p.86) - que, como muitos outros que o antecederam, o escritor baiano lançou o seu olhar. No papel privilegiado de espectador da urbe, Vasconcelos Maia leu a cidade do Salvador.

Defendendo a inexistência de memórias espontâneas, Pierre Nora (1993) propõe que a leitura é “lugar de memória”. Habitando no caminho da memória transformada ou aquela que tem passagem pela história (NORA, 1993, p.15), a literatura é a fonte e a leitura a metodologia do processo de constituição dos referenciais identitários de um grupo social. A leitura é responsável pela tessitura das identidades e pela organização das memórias. Isto

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

porque “o que nós chamamos de memória, é de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar” (NORA, 1993, p.15).

Nesta perspectiva, o escritor baiano optou pela crônica, gênero situado no limiar entre Literatura e Jornalismo, para retratar a cidade do Salvador em seu processo de modernização. Lugar de fronteira foi, também, aquele no qual se situou o próprio cronista em seus posicionamentos frente aos desdobramentos do processo de modernização da cidade: filho dileto, amante e defensor da integridade da cultura e do patrimônio da cidade, como se declarava, dividia-se, naquele momento, entre o papel de jornalista e o de responsável pela gestão de um órgão público de turismo.

Um escritor em busca de seu leitor, um campo jornalístico em expansão e uma cidade tentando traduzir-se são fios que irão formar a teia, urdida pelo acaso e pela necessidade, na qual se ligam a Cidade e a Literatura.

As crônicas de Vasconcelos Maia podem ser entendidas como forma de compreender o processo de transformação vivido pela cidade do Salvador, tendo em vista o resgate do passado na modernidade que então se instaurava. O resgate dos escritos jornalísticos de Vasconcelos Maia das esquecidas prateleiras das bibliotecas públicas e a tentativa de sua inclusão no cânone literário representa um ato de preservação do patrimônio literário baiano e, por conseguinte brasileiro. Por ele, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, terão acesso ao testemunho de sua história armazenada nas crônicas jornalísticas.

Dotado de sensibilidade, múltiplas e variadas foram as experiências vividas por Maia como leitor da cidade do Salvador, fato que tornou vasto o seu universo representado e amplo o leque temático de cerca de 600 crônicas publicadas na coluna *Dia Sim, Dia Não* em quase seis anos de produção.

Longe de denunciar transformações na estrutura física da cidade, o olhar que Vasconcelos Maia lançou sobre a Rua captou imagens que traduziam desenvolvimento e progresso acelerados convivendo pacificamente com a tradição. A sua visão deixa

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

transparecer a existência de uma cidade que se modificava rapidamente, mas ainda convivía com traços ou marcas de seu passado.

A visão da rua e do cotidiano da cidade, concretizada em cerca de 100 crônicas, ensejou a presença de assuntos diversos, como os costumes e as tradições em sua luta pela perpetuação e os hábitos simples dos moradores, como o da compra de produtos nas barracas da esquina, das serestas, dos pregões, do passeio noturno, do namoro nos bancos de jardins.

Foi o olhar sobre a rua que levou o cronista a discorrer sobre a agitação da vida moderna, a mulher, a moda, a beleza, os hábitos modernos, como o do jogo de *bridge* e do passeio para olhar vitrines, os encontros fortuitos, as conversas de esquina, os concursos de misses, o transporte urbano, as marinetes, as lambretas, a barulheira, as crianças que brincavam nas calçadas e os flagelados que dormiam sob as marquises. O cronista dedicou 29 crônicas às questões da infância. Nelas, as crianças são vistas trepadas nos pés de arcações nas ribanceiras dos quintais, no alto dos muros empinando arraias, nas calçadas em seus carrinhos de rolimãs, recitando trava-línguas e buscando respostas para suas adivinhações.

O arranjo espacial da cidade – com seu traçado no qual se inscreviam o centro antigo, o Comércio, o Mercado Modelo, a rampa, os bairros tradicionais, seus becos e ladeiras, suas igrejas e edificações, seu valioso patrimônio histórico e a luta pela sua conservação – foi representado em 98 crônicas.

A efervescência cultural vivida pela cidade do Salvador e a cultura peculiar que nela se desenvolvia constituíram-se como situação-matriz da qual emanava a riqueza da temática do cronista. Essa situação ensejou a produção de 67 páginas jornalísticas do cronista baiano sobre um campo que lhe era muito caro – o da literatura. A crônica, suas dificuldades como cronista, suas preferências literárias, seus hábitos de leitor, sua própria formação literária e seu modo de ler foram seus temas. Vasconcelos Maia aconselhou novos escritores, fez crítica de rodapé, deu apoio àqueles inseridos no mundo das letras, comentando os lançamentos de seus livros, bem como as exposições, conferências, tardes de autógrafos, feiras de livros e os concursos literários que se realizavam em Salvador.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

No campo das letras são entrevistados os movimentos culturais que se traduziram em revistas e suplementos literários, como o *Caderno da Bahia*, idealizado pelo cronista, por Cláudio Tavares, Darwin Brandão, Wilson Rocha e tantos outros modernistas que a ele se congregaram, e sobre o qual já se comentou neste trabalho. Ocupou-se, ainda que de forma rápida, com os movimentos dos jovens secundaristas Glauber Rocha, Paulo Gil Soares, Fernando da Rocha Peres, Sante Scaldaferrri e outros que viriam compor a geração *Mapa*, com a sua *Jogralesca*, que consistia na leitura teatralizada de textos de poetas modernistas, fato que acontecia no Colégio da Bahia, seção Central. A revista *Ângulos*, fruto do trabalho dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, que se abria também para a literatura e a cultura, também teve sua trajetória assinalada nas crônicas de Vasconcelos Maia.

Vários locais de cultura foram mostrados na Coluna *Dia Sim, Dia Não*. A Universidade da Bahia, sob o reitorado do Professor Edgar Santos, desdobrava-se em outros, como o Laboratório de Fonética do Professor Rossi, no Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, que nascia no rés do chão da reitoria sob o comando do professor português George Agostinho, e nas escolas de Teatro, Música e Dança. Locais de produção e divulgação de cultura eram os clubes de cinema, os jornais e seus suplementos culturais que se abriam aos debates dos intelectuais e dos jovens artistas que começavam a surgir na Bahia, bem como as galerias que despontavam na cidade. Sintetizadas no “Anjo Azul”, uma espécie de bar-boate onde José Pedreira precariamente juntava pinturas, desenhos e esculturas de vários artistas para a venda, as galerias eram lugares de destaque naquele momento, na cidade. A Galeria Oxumaré, no Passeio Público, era espaço obrigatório não só para exposições e vendas, como também para “bate-papos”. A Galeria Manuel Quirino, inovando, iniciou um sistema mercantil de compra e venda apoiada no Banco Irmãos Guimarães, que fazia empréstimos aos adquirentes.

Segundo Walter Benjamin (1989), a assimilação do literato à sociedade em que se encontrava consumava-se no bulevar, local em que se “desdobravam os ornamentos de suas relações com os colegas e *boas-vidas*” (BENJAMIN, 1989, p. 25). Era lá que eles passavam

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

suas horas ociosas, antecipando a “hora do aperitivo”, como parte de seu horário de trabalho. Vasconcelos Maia, por sua vez, apresentava a porta da livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile, como local de encontro regular, às 11 da manhã e às 5 horas da tarde, dos intelectuais da cidade do Salvador. As descrições do cronista sugerem que, inexistindo na cidade um ambiente conspirativo da boemia, como havia na Paris do século XIX, aquele era um lugar de difusão de uma nova cultura.

O Teatro mostrava-se fortalecido pela ação corajosa do “Reitor Edgar Santos”, com a criação da Escola de Teatro da Universidade da Bahia, tendo chegado a um estágio mais alto que o de muitos Estados do Brasil. Essa modalidade artística vivia seu “belo e terrível” momento com o surgimento de novos grupos de teatro popular, que se profissionalizavam, ou com o ressurgimento de alguns mais antigos. “Belo e terrível momento” foi a maneira como Vasconcelos Maia referiu-se à situação do campo artístico, que foi mote para 11 de suas crônicas⁵, várias delas reiterando o pedido da construção de novas casas de espetáculo para aquela descrita como “terra do já teve” ou uma “cidade desgraçadamente sem teatro”. O Teatro Castro Alves era, naquele contexto, obra “demagógica”, um “vazio elefante branco”, ao passo que o Teatro dos Novos, grupo teatral que surgia, já começava a construção de sua casa de espetáculos, o futuro Teatro Vila Velha. Ligados à questão da construção das casas teatrais estavam nomes como Adroaldo Ribeiro Costa e Nair da Costa e Silva. Além de tornar patente a situação vivida pelo movimento teatral, o cronista, que se declarava sem a autoridade de crítico, comentou peças, discorreu sobre realizações dos novos grupos criadores de acontecimentos artísticos “de primeira ordem” e sobre o “silêncio” da imprensa quanto às realizações dos novos grupos teatrais.

O Cinema e a cultura cinematográfica eram questões relevantes para a vida cultural da cidade do Salvador de então e Vasconcelos Maia, postulante e defensor de

⁵ As crônicas “*Tourbillon*” de mulheres lindas (31 mai.1959), *Festival Nortista de Teatro Amador*

(1 e 2 jan.1961), *Teatro dos Novos* (6 jan. 1961), *História da Paixão* (17 mar.1961), *Teatro dos Novos* (9 jul.1961), *Baianada* (11 abr.1962), *Evangelho de Couro* (27 jul.1962), *O Pagador de Promessas* (12 set.1962), *Teatro Popular da Bahia* (7 ago.1963), *Revistas & Entrevista* (13 set.1963), *Teatro para a Bahia* (11 mai.1962) versam, especificamente, sobre a questão do teatro na Bahia.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

posturas vanguardistas, não se furtou ao assunto. O cronista teceu, em 21 crônicas⁶, comentários sobre filmes exibidos nas salas da cidade, acerca da produção cinematográfica na Bahia, das pessoas nela envolvidas, do seu interesse pela arte cinematográfica, de sua atuação nos clubes de cinema e até sobre o fato de uma obra sua vir a ser usada como roteiro de filme.

A paisagem, as belezas naturais da cidade do Salvador, a magia de suas cores e odores, seu frescor, o encanto do mar azul e de suas belas praias, sua verdejante paisagem, a exuberância das ilhas da Baía de Todos os Santos e do seu Recôncavo foram temas que resultaram em cerca de 25 crônicas.

O incremento da indústria do turismo, visto como a salvação econômica do Estado era, naquele momento, a ambição de vários segmentos da intelectualidade da Bahia. Portanto, foi como um *narrador*, na acepção benjaminiana do termo, que Vasconcelos Maia, gestor de órgão responsável pela atividade turística no município, discorreu, em cerca de 61 crônicas, sobre as questões referentes à política de turismo e seus desdobramentos, a saber, o desenvolvimento de uma mentalidade turística e a criação de uma infraestrutura composta por estradas, hotéis e restaurantes.

O Brasil, naquele período, vivia também sua efervescência. Esta dizia respeito a propostas políticas, movimentos artísticos e à reflexão sobre a realidade nacional, além da viabilidade do florescimento de um modo próprio e rico de expressão da sua diversidade cultural. Ampliando mais ainda a extensão de seu leque temático, Vasconcelos Maia, intelectual que não se preocupava apenas com os temas oferecidos por sua região, produziu 12 crônicas sobre variados assuntos nesta esfera.

⁶ *Rio, Zona Norte* publicada em 28 e 29 de dezembro de 1958 foi a crônica com a qual Vasconcelos Maia inaugurou sua incursão sobre o tema. Seguiram-se a ela *Paulino e Glauber* (11 mar.1959), *Impróprio até dez anos* (10 jun.1959), *Cinema* (6 jan.1960), *Cinema* (18 mar.1960) *Rifle de quinze tiros* (10 jun.1960), “*Bahia de Todos os Santos*” (18 e 19 set.1960), *Barravento* (18 e 19 dez 1960), *Lenços para “Ben-Hur”* (28 abr.1961), *Cinema Nacional* (11 e 12 jun.1961), *Adriano no Cinema* (11 ago.1961), *Milagre de Carlitos* (6 out.1961), “*A Grande Feira*” (30 nov.1961), *Filme, Regata, Humbert* (16 fev.1962), *Sobre Cinema* (31 mai.1962), *Quando a vida é cruel* (03 out.1962), *Festival de Cinema* (02 nov.1962), *Ídolo antigo* (31 mar.1963), *Vadim, Rescala etc.* (7 e 8 abr.1963), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (23 e 24 jun.1963), *Sol sobre a lama* (31 jul 1963), *Bandido não existe* (24 e 25 nov 1963), *O Caipora* (3 jan.1964).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

A variedade de assuntos abordados pelo cronista suscitou a necessidade de um ordenamento das crônicas para o alcance do objetivo proposto no estudo, a saber, a visão da cidade em seu processo de modernização.

Inicialmente, a leitura das crônicas, distribuídas em ordem cronológica, revelou uma visão fragmentada dos aspectos aqui perseguidos. A amplitude do recorte temporal e a extensão do universo temático ocasionaram a necessidade de um agrupamento tomando como base o tema, constituindo-se, inicialmente, 22 blocos⁷. Novamente agrupadas, configurou-se aquilo aqui denominado de Leque das Crônicas, cujo eixo foi constituído pelos seguintes grupos temáticos: Rua, Gente, Cotidiano, Festas, Teatro, Cinema, Literatura, Sítios, Turismo, Paisagem e Outros/País.

Este leque temático de crônicas, em seu movimento de abertura e fechamento, proporcionou diferentes perspectivas para se visualizar a cidade do Salvador representada pelo cronista, apontando para mudança e permanência de elementos ou enfoques ocorridos no universo temático do escritor baiano.

As seleções temáticas feitas por Vasconcelos Maia traduzem o processo de modernização da cidade do Salvador e refletem as diversas visões da sua vida cultural, suscitando discussões pertinentes ainda em nossos dias. Algumas delas dizem respeito às atitudes do intelectual e sua forma de representar a si mesmo, ao espaço urbano e, mais especificamente, à cultura baiana.

Se Não For Gente Boa, É Coisa

Intelectual de seu tempo e apaixonado por “sua terrinha”, Vasconcelos Maia pôde se ocupar, de igual maneira, com o homem do povo que vendia peixe nas bancas próximo ao

⁷ Inicialmente as crônicas foram reunidas nos seguintes grupos temáticos: Costumes, Tradição, Rua, Infância, Carnaval, Festas de Largo, Festejos Históricos, Festejos Religiosos, Candomblé, Personalidades e Talentos Baianos, Literatura, Crítica Literária, Artes, Cinema, Teatro, Sítios Históricos, Políticas de Turismo, Hotéis e Restaurantes, Itinerários Turísticos, Paisagem Natural – Mar, Paisagem-Natural – Cores e Odores, além de Outros/ País.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Forte de São Pedro, com D. Bertolina e *seo* Colatino, zeladores da Igreja de Monte Serrat, com a professora aposentada da escola pública, com a boa negra Maria de São Pedro e com a dona da barraca Santo Antônio – Arlinda, a cozinheira que tornava a “vida rica para os pobres”, seus fregueses habituais. O contínuo atrapalhado que atuava no jornal, os políticos das várias esferas do governo, os jornalistas, os estudantes, os artistas e intelectuais, todos estiveram igualmente presentes em seu “canto de página”.

Vasconcelos Maia mostrou, rigorosa e atentamente, os elementos que traduziam a ideia de uma cidade vivendo seus “anos dourados” (CARVALHO, 1999). Sua coluna jornalística era compartilhada por um segmento da população que seria o elemento constitutivo da representação da cidade moderna, afeita às questões culturais, que definia sua vocação turística e o sonho de tornar-se a capital cultural do Brasil.

É como testemunha que Vasconcelos Maia narra a aurora da renovação modernista das artes plásticas, das letras, do teatro e do cinema baianos. O mundo das artes se delineia nas crônicas de Vasconcelos Maia com um dinamismo bem peculiar. Desvendando suas cortinas, no contato estreito com as pessoas que dele faziam parte, sustentando que a pintura era uma das “poucas vocações artísticas aqui bem realizadas” por contar com nomes expressivos, o cronista deixa perceber vestígios de um passado com o qual este mundo não conseguia romper. As relações de favoritismos, preferências, preconceitos, apesar da existência da roupagem moderna que tentava escamotear sua presença, insistiam em aparecer no campo das artes, das letras, do teatro e do cinema. O campo artístico mostrava-se pouco receptivo à entrada das mulheres e apresentava ambivalência em seu ordenamento. Ao tempo em que se abria, acolhendo em seu seio artistas dos mais diversos lugares, este campo virava as costas para alguns dos seus talentos, obrigando-os à migração para o Sul em busca do reconhecimento.

Na tentativa de configurar o desenvolvimento de uma indústria cultural e artística na Bahia, Vasconcelos Maia se ocupou com uma elite composta por artistas e intelectuais, partícipes ativos do seu processo de transformação social e cultural por meio das obras que

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

realizavam cada um em seu campo de atuação. Com muitos deles, compartilhava, além do hábito de frequentar a porta da Livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile, no intervalo do almoço e no final da tarde, a experiência da atuação em movimentos culturais diversos desde a participação no “Caderno da Bahia”. Esta elite intelectual marcou presença na coluna *Dia Sim, Dia Não*, mobilizando o olhar, a inspiração e os mais diversos sentimentos do cronista, que transformou seu espaço no jornal em verdadeira galeria de artistas e intelectuais.

A crônica inaugural dessa galeria composta por Maia já era em si um elemento tradutor daquele momento cultural vivido pela cidade que recebia visitantes ilustres. O primeiro intelectual a passar pela pena do cronista, fato que se deu logo após a sua estreia no matutino, foi Aldous Huxley, por ele referido como *o gênio*. Na sequência das crônicas pesquisadas, essa galeria foi se configurando com personalidades do mundo das artes ou das letras baianas, cujos talentos despertaram admiração do cronista, que delineou as particularidades do campo artístico da Bahia de então – o obscurantismo, o protecionismo, a sua configuração. Dentre os nomes de artistas das tintas e pincéis, e ainda dos cinzéis, que desfilaram pela galeria de Maia estão: Rubem Valentin, Hélio Basto, Sante Scaldaferrri, Jenner Augusto, Carlos Bastos, Carybé, Mário Cravo Júnior, além das mulheres pintoras – Lygia Milton, Maria Célia. O trabalho, a evolução artística e as qualidades pessoais de cada um foram comentadas com admiração, respeito, carinho e orgulho.

Vasconcelos Maia apoiou diversas ideias que poderiam traduzir-se em modernização cultural, defendendo ardorosamente em suas crônicas aquelas nas quais identificava a possibilidade de comunhão com o ideal da transformação cultural da cidade do Salvador. Esse apoio fez com que em sua galeria surgissem nomes de atuantes nas várias áreas de atividades, tais como antropólogos, professores, poetas, jornalistas, escritores como Vivaldo Costa Lima, Nelson Rossi, Jair Gramacho, Nelson Araújo. Luiz Henrique Dias Tavares, Odorico Tavares.

Jorge Amado, amigo dileto, de quem enalteceu as virtudes na crônica *Um Sujeito Bom* (9.10.1959), presente em vários momentos vividos pela cronista, juntamente com sua

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

obra, ocupou lugar de destaque nesta galeria. Foi quase uma dezena de crônicas dedicadas ao criador de Gabriela. Elas teciam comentários não apenas sobre os livros, as ações do escritor, cuja ousadia temática Vasconcelos Maia sugeria como modelo para os jovens escritores, como também sobre a atuação do escritor grapiúna, em prol do projeto de divulgação da cidade do Salvador.

Ainda que versassem sobre uma extensão de matérias, suas crônicas mostravam uma alta densidade autobiográfica. O cronista, o ficcionista, o pai, o amigo, o esposo compareciam como tema, ao lado de questões sobre crônica enquanto gênero, o jornal, as dificuldades de ser cronista, o seu papel como empregado de turismo. Sua vida, suas amizades, suas habilidades, seus interesses, seus medos estiveram sob a mira da sua pena. Assim sendo, o escritor Vasconcelos Maia integrou sua própria galeria.

A afirmação de Vasconcelos Maia como intelectual moderno e como ator no processo de transformação social não se limitou às obras realizadas em seus campos de ação cultural. O escritor sentiu necessidade de uma intervenção mais efetiva e de maior abrangência, vendo na divulgação dos trabalhos dos demais integrantes da elite intelectual da Bahia um dos meios de concretização da modernização social e cultural por eles ansiada. Por isso, imerso naquele turbilhão de dizeres e modos de expressar a mudança cultural da cidade, fez de sua crônica um ícone de modernidade de que se serviu, não apenas para a criação de uma mentalidade voltada para o consumo de produtos culturais, como também para divulgar artistas e obras partícipes daquele projeto.

As crônicas de Vasconcelos Maia, aqui vistas como num leque, por suas qualidades literárias e sua diversidade e riqueza temática, configuram-se como pretextos para reflexão sobre as questões da Leitura, Literatura e Memória.

Na Bahia, É Festa o Ano Inteiro

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Tema de relevância, as Festas, os festejos populares, religiosos e históricos da cidade do Salvador marcaram presença nas crônicas de Vasconcelos Maia. Foram identificadas 61 crônicas que versavam sobre festas em geral, apenas na cidade, sem levar em conta aquelas do Recôncavo.

Oriundas de simples promessas a um santo protetor, repletas de misticismo, ou provenientes de mera brincadeira, as festas ocorriam frequentemente. Democráticas, segundo o cronista, genuínos festejos populares, nelas não havia distinção de raça, credo ou condição social. Tendo como palco as igrejas, os terreiros, o mar ou terra firme, sua origem remontava à tradição longínqua. Às vezes, depois de tantos séculos, eram fidelíssimas às suas raízes, outras, eram festas novíssimas, de improviso, mas que cedo alcançavam o gosto popular, ganhando foros de permanência. Festas de esbaldar, sacrílegas ou religiosas atestavam o gosto baiano por essa manifestação lúdico-religiosa e aconteciam nos bairros tradicionais da cidade. O calendário festivo da Bahia, retratado nas crônicas de Maia, era aberto, no mês de janeiro com a Procissão do Senhor dos Navegantes.

Segundo o cronista, a história da origem dessa festa possuía várias versões, uma delas talvez tenha sido uma promessa feita ainda nos tempos dos navios negreiros por um comandante que, surpreendido por uma tempestade que lançara no mar seu mastro e partira seu leme, desesperado, prometera ao Senhor dos Oceanos, caso viesse a ser salvo, realizar uma procissão. A outra versão, o cronista buscara no livro de Silva Campos, *Procissões Tradicionais da Bahia*, que acrescentava, apenas, o fato de que seus instituidores foram os capitães e devotos dos navios que faziam o tráfego entre o Brasil e a Costa da África (30.1.1959). Com roteiro variando ao longo do tempo, a procissão que termina em Boa Viagem permanece na agenda festiva baiana, no tempo do cronista, sem perder seu brilho e beleza.

Na sequência, vinha o festejo dos “Ternos” de Reis para abrilhantar as ruas da cidade. Ao esboçar o roteiro da festa de cunho religioso, que se desenrolava do Terreiro à Lapinha, passando pelas Portas do Carmo, Largo do Pelourinho, Taboão, Ladeira do Carmo,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Cruz do Pascoal, Ladeira do Boqueirão, Adobes, Quitandinha do Capim, Perdões, São José de Cima, Largo da Soledade, Corredor da Lapinha e finalmente Largo da Lapinha, Vasconcelos Maia vai delineando a configuração da cidade com seus bairros tradicionais. Esse festejo teve sua história narrada pelo cronista que falava em estandartes, lanternas, guirlandas, charangas, coretos, roupas coloridas, vidrilhos e lantejoulas, e conclamava a população a contribuir para o seu brilhantismo.

De acordo com o calendário festivo, em seguida era a vez de todas as iaôs dos candomblés e as filhas-de-Maria, vestidas de branco, curvarem-se diante do Senhor do Bonfim. Era a famosa lavagem do Bonfim, festa que, segundo o cronista, naquela época, não tinha fenecido, mantinha-se viva dentro do espírito e da alma do povo, embora tivesse sofrido, ao longo do tempo, algumas modificações. Com suas carroças, aguadeiros, cavaleiros, baianas, a procissão partia da Conceição indo até o Bonfim, com o povo entoando cânticos, clarins retinindo nos ares, foguetório pipocando e belíssimas baianas de branco, sinal de “puro luxo”, levando flores e perfumes para render graças ao Senhor do Bonfim, que recebia de braços abertos pretos e brancos, ricos e pobres, pois todos são iguais, são filhos de Deus.

Depois da Lavagem do Bonfim, era a vez da festa sacrílega, festa de se esbaldar, a Segunda-feira da Ribeira, da qual, segundo Maia, todos os cronistas que se ocupam das tradições da Bahia devem conhecer a origem.

O mês de fevereiro foi assim descrito por Vasconcelos Maia:

[...] um mês com rosas, perfumes, joias à mãe d'água. E bandos de festas no Rio Vermelho, e logo após um carnaval extraordinário que leva setecentos mil habitantes às ruas sentadinhos nas cadeiras de beira de calçada ou pulando, gritando, cantando ao som de tamborins, cuícas e baterias. (10 e 11.11.1963).

Durante o mês do “presente-à-Mãe-d'Água”, do “dois-de-fevereiro”, várias manifestações do festejo das oferendas àquela que habitava no fundo do mar aconteciam na cidade. As mais famosas eram a do Rio Vermelho e a de Itapuã, no entanto, segundo o cronista, a festa do Dique do Tororó ressurgia com beleza e brilhantismo. Era a manifestação daquilo nomeado por Vasconcelos Maia como “surpreendente avareza do povo baiano, em

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

guardar suas tradições”. Ela fazia ressuscitar festejos asfixiados pelo tempo “com a pureza de nascença, imbuídos da influência natural do tempo”, mas sempre com a ‘autenticidade comovente e força espantosa’. Era neste clima que ressurgiam os festejos de Nossa Senhora da Luz, na Pituba, com direito a lavagem do Adro da Ermida, no dia 8 de fevereiro, procissão terrestre com “banda de música, foguete, incenso e padre distribuindo bênçãos”, no dia 11, e, no dia 12, a “força e beleza” da procissão das jangadas. (27.1.1962).

Em março, o povo baiano ia às ruas ajoelhar-se à passagem do Senhor Morto, participando das festas religiosas da Semana Santa. Nessa ocasião, o “Senhor dos Passos e a Senhora das Dores encontravam-se no Terreiro de Jesus, antecipando a paixão de Cristo”. Depois desse evento, a população, “de luto”, refletia. Segundo o cronista, “até no grande sacrifício expande-se o gosto do povo baiano pelas festas”, pois se abstendo da carne o baiano “banqueteia-se nos pratos dourados de dendê” e depois, estourando em aleluias, queimava o *Judas*.

Sucediam-se outras festas católicas como a do padroeiro da cidade, São Francisco Xavier. Na Quaresma, o Espírito Santo era celebrado no Santo Antônio do Além Carmo, coroando um rei menino e soltando sentenciados, depois a Ajuda e a Sé cobriam-se de pétalas de flores para a festa de *Corpus Christi*.

Em junho, precisamente no dia 29, os atabaques ressoavam abrindo o ciclo dos “mais puros candomblés” baianos. Antes disso, porém, as mocinhas casadoiras louvavam Santo Antônio e a cidade envolvia-se na “cortina de fumaça” dos “já proibidos” fogos de artificios e fogueiras de São João, aguardando as festas de São Pedro que coincidiam com as de Xangô.

Chegando julho, era a hora de festejar os heróis da Independência da Bahia e de louvar São Cristovão. O cronista anunciava que, identificada com Nossa Senhora de Santana, Nanã era festejada “sempre no primeiro domingo depois do dia 26 de agosto”.

A partir de setembro, os bons católicos tinham os olhos “voltados para a lírica Ermida da Ponta de Monte Serrat”, pois Nossa Senhora de Monte Serrat visitava sua “irmã da

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Conceição”, a Casa Branca do Engenho Velho festejava Oxalá e Cosme e Damião comiam caruru fazendo pândegas. Exu era festejado com azeite e os Oguns rodopiavam em combates. Omolu fazia festa de saúde e pipoca, Oxum, de “mãos dadas com Iansã”, dava festa de luxo e beleza.

Chegando dezembro, na igreja, nos terreiros e “em seu mercado da Baixa dos Sapateiros”, Santa Bárbara festejava sua data. Em seguida, diante do mar e da Igreja da Conceição da Praia, acontecia a festa das frutas e das comidas baianas que se seguiam àquelas “do incenso”. Santa Luzia do Pilar pedia olhos agradecidos, enquanto a cidade preparava-se para um Natal que, enfeitado com “tantos presépios, tantas missas de galo, tantas igrejas e tantos sinos tocando” tornava-se sem igual no mundo.

Ganhando destaque especial, próximo às festas populares, o Candomblé teve suas celebrações descritas enquanto o calendário dos ciclos das festas religiosas africanas na Bahia era mostrado aos leitores. Elemento intrinsecamente ligado à tradição, ao povo e à cultura afro-baiana, pleno de relevância para a construção da identidade cultural da Bahia – o Candomblé foi tratado com didatismo e autoridade por um cronista dotado de profundo conhecimento do assunto, em 16 crônicas. O cronista descreveu detalhadamente a coreografia, as roupas, os sons das festas dedicadas aos diversos orixás, bem como as “casas” existentes na cidade, sua localização e seus responsáveis. Intencionava menos ressaltar a prática religiosa de origem africana que resgatar o passado histórico cultural dos segmentos populares da cidade, dando visibilidade a uma vertente cultural singular.

O assunto candomblé despertava o interesse dos leitores, cujas “oportunas perguntas” eram respondidas por um cronista que o conhecia profundamente. Aflitos, queriam saber como se portar naquele novo ambiente. A promessa do cronista foi cumprida e seu leitor pode contar com um verdadeiro manual de instruções para frequentar as “casas” de candomblé na Bahia.

O Carnaval - tema de 13 crônicas - foi tratado inicialmente como problema administrativo sem dotação das escassas verbas públicas que se destinavam a outras

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

prioridades. Entretanto, o caráter de forte manifestação popular deste festejo levou o cronista a defender a necessidade do resgate de seu brilhantismo, bem como a vislumbrar seu potencial de converter-se em poderoso veículo para a promoção turística da cidade.

Sustentando que o “ano inteiro na Bahia é uma grande festa”, sucediam-se as descrições das festas e dos festejos com as quais Vasconcelos Maia compunha um mosaico colorido e brilhante.

As crônicas de Vasconcelos Maia não apenas indicam acuidade de leitura dos fenômenos sociais à sua volta, mas lidas em seu conjunto, permitem ver certa intencionalidade na narrativa de aspectos da história da cultura da cidade do Salvador de então, fato que lhes dá uma configuração de unidade. O conteúdo quase pré-determinado não lhes rouba o mérito da criação, da inventividade, porquanto a leitura e a representação consistem por si em atos criadores. Alguns aspectos formais por ele empregados, como a ironia, o diálogo implícito com o leitor, o recurso da repetição exigem, para sua clara compreensão, uma leitura atenta, não somente ao gênero, como também ao momento em que escreve o cronista.

Vasconcelos Maia, em sua prática jornalística, dialoga com o contexto local que vivia sua efervescência cultural, fazendo o mesmo com os meios de comunicação de massa e com a literatura. Sua relação com os *media*, ainda incipientes na cultura baiana, não ficou restrita ao jornal, uma vez que o cronista alcançou o rádio, publicando crônicas radiofônicas. Quanto à literatura, estabeleceu diálogo especialmente com os escritores modernistas, seus pares, aos quais confessou sua dívida literária, além de fazê-lo com o movimento modernista em seu conjunto.

O ato criador do cronista baiano é sincronicamente ligado às mudanças vividas por Salvador. Sensível, sem reducionismo, ele não se põe alheio às contradições ou mesmo aos disparates vistos no processo da modernização urbana. A sua escrita diária é a ponte que liga os diversos mundos pelos quais transita, a saber, o povo e os intelectuais, as massas e os movimentos culturais eruditos, a cidade tradicional e a moderna.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Fruto de um olhar sensível e do perfeito engajamento nos campos cultural e intelectual, que lhe possibilitavam o exercício da reflexão sobre a modernização urbana, a escrita jornalística de Vasconcelos Maia tinha o traço de uma literatura empenhada, aspecto que foi determinante no modernismo brasileiro. Sua crônica, rica em aspectos cotidianos das transformações vividas pela urbe naquele período, identificava-se fortemente com um projeto divulgador. Ela narrava uma cidade vivenciando intensas modificações em sua esfera social, cultural e econômica, lidando com a necessidade de abrir-se ou concretizar sua abertura para o turismo. Dava ênfase em retratar a metamorfose daquela que, não sendo mais um próspero e movimentado porto ou uma extensão de Lisboa, sem realizar seus anseios de progresso por outras vias, enxergava no turismo a sua possibilidade de redenção econômica.

Ao confessar gostar primordialmente de gente, difundir a importância da defesa do patrimônio histórico e cultural da Bahia, chamar a atenção dos habitantes para a luta pela preservação de suas riquezas arquitetônicas, dar significado às práticas culturais afro-descendentes, atribuir relevância ao caráter de festejo popular manifestado pelo carnaval baiano de então, descrever as diversas festas de seu entorno e traçar roteiros turísticos para o Recôncavo ou para as ilhas da Baía de Todos os Santos, numa visão proativa, Vasconcelos Maia levava a cidade a tomar consciência de si mesma, enquanto alicerçava as bases daquela que viria a ser a turística Salvador dos dias atuais.

Neste contexto, discorrer sobre a temática das crônicas jornalísticas de Vasconcelos Maia - por excelência, “lugares de memória” - traduziu-se como caminho para reflexão sobre Leitura, Literatura e Memória.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia. Especial Vasconcelos Maia. Apreciações Críticas. **Iararana: revista de arte, crítica e literature**. Salvador; nº 2, agosto.1999.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

AMADO, Jorge. **Prefácio** In: MAIA, Vasconcelos. **Histórias da Gente Baiana**. São Paulo: Cultrix, 1964.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Tradução José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras Escolhidas v.3).

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Ruanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. v.1.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, M. do Socorro Silva. **Imagens de um tempo em movimento**: cinema e cultura na Bahia dos anos JK (1956-1961). Salvador: EDUFBA, 1999.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

MAIA, Vasconcelos. A mulher e o vestido. **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 21 set. 1958.

_____. Um gênio diante de mim. **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 24 set. 1958.

_____. Gente bamboleai! **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 10 dez. 1958.

_____. Bom Jesus dos Navegantes. **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 30 jan. 1959.

_____. Calendário. **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 27 jan. 1962.

_____. Festas populares: calendário. **Jornal da Bahia**, Caderno 1, Dia Sim, Dia Não, Salvador, p.5, 10-11 nov. 1963.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, no.10, 1993, pp. 07-28.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. “Relatos de aprendizado”, in: FRAISSE, Emmanuel e et alli. *Representações e imagens da leitura*. trad. BIATO, Osvaldo. São Paulo: Ática, 1997. p. 11-50.

RISÉRIO, Antonio. Uma História da Cidade da Bahia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.